

E foram chamados SALUMÃ

Era, novamente, lua-cheia e, como tinha sido prometido no primeiro contato, fizeram-se os preparativos para uma segunda visita aos índios do rio Juruena. Desta vez fazia parte do grupo uma família de índios Paresí, uma vez que tudo indicava que a língua dos novos índios pertencia à família Arwak.

No dia 6 de setembro de 1944, pelas 15 horas, quando a sombra triangular da casa das flautas já se alongava sobre o solo arenoso do pátio da aldeia, entrava, despecebidamente, o grupo, relativamente numeroso, de visitantes: quatro da família Paresí, três índios Rikbáktsa e três "brancos".

O homem e a mulher paresí falam e percebem que são entendidos e entendem, com alguma dificuldade. As palavras somam-se os gestos. É fora de dúvida que se trata de uma língua Arwak como dos Paresí, mas com uma diversidade maior que a propriamente dialetal, que permitiria a intercompreensão dos interlocutores. Por certo, esta língua Arwak não poderia ser colocada no mesmo plano de as variantes linguísticas dos dialetos Kaxinitj Kozarini e Waimare, segundo estabeleceu Rondon (1910:6) em 1907 e admitiu Schmidt (1943:57).

Segundo diz Thomaz de Aquino Lisboa em seu diário, foi naquela ocasião que o índio paresí Damião disse entender que esses índios novos se autodenominavam SALUMÃ. "É muito difícil descrever esse encontro, .. Os pormenores escapam. A alegria e o movimento roubaram a capacidade de fixar tanta notícia e riqueza: tudo rápido e fugaz. Damião conseguiu saber que os índios novos se auto-denominam Salumã. O nome não é estranho aos Paresí" (Diário ms. do Pe, Thomaz de Aquino Lisboa).

Certo, a denominação Salumã não era nova para aquela região. O discurso semântico O Pe. Aires de Casal em sua Corografia Brasília de 1817 (p. 305) seria talvez o primeiro a falar dos Salummás, localizados não longe de onde seriam encontrados estes Salumã em 1974.

## UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

"Os Tamarés dominam as adjacências do rio Juyna, primeiro ramo notável dos que engrossam o Juruena pela margem occidental; os Pacahás vivem ao norte dos derradeiros; os Sarummás mais ao Septentrião encostados ao mesmo Juenna; e mais abaixo os Uhayhás".

É admirável a relativa precisão destas notícias, quando o mesmo <sup>de</sup> Aires Casal afirma do Juruena que "ainda não navegaram por elle Christãos" (p.305); desconhecendo, pois, a passagem pelo Juina e Juruena dos exploradores de 1742, como está documentado.

Os Paresí, e dentre eles mais especialmente os Waimaré, informavam Rondon sobre os Salumã, como parentes desaparecidos.

"Os Uaimarés ainda falam em 2 grupos seus parentes, que não sabem dizer para onde foram; o grupo Salumã e o grupo Oazané. Durante a expedição de 1909 o Major Libanio esperava encontra-los. Acrescenta o Major que os Oazané eram filhos de Kamaikôre e os Salumã seus netos. Ambos viviam na margem esquerda do Juruena. Os Oazané faziam canoas de cascata Jatobá, comiam peixes e algumas aves (mutum, jacú, inhambú) e não comiam "bicho de pêlo". Salumã comia tudo, como Uaimaté".

O conteúdo desta informação corresponde à realidade, desde que se troquem os nomes; são os Salumã que navegam em canoas de cascata e só comem peixe. Nada se sabe, atualmente, dos Oazané.

Segundo Roquette-Pinto (1950:48), "agora mesmo, em 1912, Rondon encontrou em plena idade da pedra um grupo que lhe deu o nome nacional de Salumás, vivendo, porém, em plena Serra do Norte, a mais de 200 kms a Noroeste do ponto em que a linha telegráfica atravessa o Juruena".

O mesmo autor coloca estes Salumã entre os Nambikwára (ib.p.216). Em Rondon não descobrimos uma indicação precisa sobre este encontro. O que Roquette-Pinto anotou deve-se talvez a uma comunicação verbal, não anotada, posteriormente, por Rondon em seus relatórios.

Os índios que o Tenente João Salustiano de Lyra contactou, rapidamente, a 31 de agosto de 1909 (Rondon, Relatório, vol.1, p.244-45)

e vistos também por Rondon, no dia 5 de setembro, seriam, segundo o Paresí "major" Libânio, Salumã.

"Tive ocasião então de vêr de perto um índio de esta região. A creança podia ter de 6 para 7 annos, mais ou menos, éra um menino. Não se mostrou muito assustado, não chorou; apenas fallava muito, repetindo quasi sempre as mesmas palavras. Os Parecia adaram muita semelhança entre esse idioma e o Salumá: a palavra "Hauê (= por "inauê"), por exemplo, que elle repetia frequentemente, na lingua "Salumá" que dizer: "a gente foi-se embora"...Fallei-lhe muito; repeti com clareza todas as suas palavras, o que lhe dava um certo encanto. Teria elle suposto que eu conhecesse a sua lingua? Tinha uma physionomia sympathica; mostrava a direcção em que desapareceram os seus, dizendo sempre - "inausê". (Rondon, ib.p. 249-50)

No dia 26 de agosto, o Tenente Lyra, estando com o Paresí Joaquim viu e ouviu índios preparando-se para pescar com timbó. (Rondon, ibid p. 236). Rondon anota no seu diário, no dia 27 de agosto: "Atravessamos a Cabeceira do Trilho e em seguida um caminho de índios, e mais adiante a Cabeceira dos Indios Pescadores, onde o Lyra havia encontrado alguns que pescavam despreocupadamente, com timbó. O Paresis Joaquim conseguiu vêr dous delles distinctamente, e informa que um era claro como Uiamaré e o outro mais escuro; que entendeu algumas das suas palavras como: utianá, arê, etc; mas que teve medo de falar-lhes". (Rondon, Relatorio, I : p. 237).

Os Paresí "major" Libânio e Joaquim eram elês mesmos Waimaré e daí talvez provenha o relacionar, tão facilmente, as observações sobre aqueles índios recentemente encontrados com aspetos de sua própria cultura.

"Pela observação do cacique Paresis, Major Libanio e do índio Joaquim, esses índios têm muita cousa de semelhante aos Paresis Waimarés; a peneira, o balaio, o coadouro, a maniquera, as mezinhas do tornozello e da perna, feitas de mangaba ou de seringa" (Rondon, Relatorio, vol. 1. n. 231).

## UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Rondon relaciona os objetos encontrados no acampamento dos índios. (Rondon, ibid 250-51) Tais objetos se encontram, ~~sem dificuldade~~, na cultura material dos Paresí, (em termos gerais). Faltam, porém, os dados específicos que permitem descobrir as diferenças significativas. Daí a dificuldade em determinar se estes supostos Salumã são um sub-grupo da cultura paresí ou pertencem ao complexo nambikwára. Segundo Roquette-Pinto, os Salumã foram parte do grupo setentrional dos índios conhecidos como Nambikwára da Serra do Norte ( Rondonia 1950:216).

A mesma generalidade terminológica das observações também não permite identificar os índios das proximidades de Maria de Molina, (Lat.Sul: 12°7'12"; Long.W Rio de Janeiro, 17°16'29"; Km 229.538 da "Estrada Rondon" Juruena-Madeira) com os Salumã encontrados, em 1974, nas imediações do Camararé (Lat. Sul: 12°,27'; Long.59°12').

As coincidências entre os relatórios de Rondon e as páginas de Roquette-Pinto sobre os índios da Serra do Norte e os Salumã tal como são conhecidos atualmente, explica-se por uma possível difusão, na região, de uma tecnologia que apresenta inúmeros caracteres comuns e, por outra parte, pela carência de observações diferenciadoras pertinentes. Não chegando a determinar as diferenças específicas, um Waimaré pensava estar diante de Salumã de língua paresí e os etnógrafos do início do século só viam diferentes tipos de Nambikwára. (Missão Rondon 19161: 241-42).

O mais provável é que os supostos Salumã da Serra do Norte nada tenham a ver com os Salumã do Camararé-Juruena, (sem ser tampouco Nambikwára).

Em 1911, Rondon constata que "nenhum vestígio mais existia daquele aldeamento em cujas mattas adjacentes o Tenente Lyra constataria 14 grandes roças. Dera cabo de tudo o fogo, propositalmente posto pelos índios, que mudaram de sítio..." (Relatório, vol.3, p. 19).

Se os Paresí "major" Libânio e Joaquim avançaram o nome Salumã para aqueles índios dos campos de Maria Molina, provavelmente era porque deste modo eles, como Waimaré, podiam dar-lhes um lugar em seu



pensamento mitológico.

Schmidt (1943:248) transcreve uma lenda mítica contada por Pedro Agosto, índio da aldeia S. João, que o acompanhava em 1928 (ibid. p.10). Nela se narram diversas metamorfoses produzidas pelo Avô Alauri, que explicam a origem de diversos povos.

"Meu Avô Alauri transformou o fogo em avós dos Mulolo.

Transformou a flecha em avós dos Saloma.

Meu Avô transformou a flecha pequena em criaturas para eles.

Meu Avô transformou o carvão do fogo em avós dos negros.

Transformou a planta "mazi(r)ta" em antepassados dos Uka-iiyés.

Para procrear os Parecís, meu Avô transformou o tucum" (Schmidt 1943:248).

Schmidt comentando este texto diz: "Até esta data nada sabemos dos Malolos e dos Ukaiiyés. Como já mencionei no início desta publicação, os Salomas, talvez sejam idênticos aos Mundrukús. Segundo indicação do General Rondon, os Uaimarés tratavam a estes como seus parentes, cuja morada atual lhes era desconhecida".

Sem maior exame crítico, C. Lévi-Strauss aceita a mesma hipótese.

"The Indian mention other tribes north of the Nambikuara: one called Saluma, Saruma, or Solondé is almost certainly the Mundurucu..." C. Lévi-Strauss, "The Nambikuara", HSAI, III, 362.

Num mito recolhido por Adalberto Holanda Pereira - Mito 334: "As flechas caíam na água" <sup>(comunicando pessoa)</sup> - aparecem os Salumã como povo caçador, que ataca uma aldeia Nambikwára e a vence. É preciso assinalar, segundo informa o mesmo Adalberto, que o mito foi narrado em data posterior ao contato com os Salumã, em 1974.

Segundo um informante "esse povo Salumã comia gente. Tinha olho na frente, atrás e por todo o lado". No mito, os Salumã aparecem guiados por um shamã, que sai voando e assim localiza os acampamentos e aldeia nambikuara. O mesmo shamã flecha duas pessoas de outro povo, o que dá lugar para ilustrar a antropofagia dos

50

Nota

Informação direta do Iránxe Luiz, no Cravari, a 8 de maio de 1980.

cfr. Pereira-Moura 1975:1

Adalberto Holanda Pereira, José de Moura e Silva, História dos Munkùs (Iránxe), Pesquisas, Antropologia 28. Porto Alegre 1975. 40 pp.

Salumã.

Más talvez o sentido mais direto do mito seja a expulsão dos Nambikwára para o outro lado do Juruena, que se torna então linha de separação e fronteira "nacional". "Os Salumã flecharam do lado de cá do rio. Do otro lado, os Nambikuara responderam com flecha. As flechas dos Salumã e dos Nambikuára caíam no meio do rio...Os Salumã largaram de mãoe nunca mais atacaram Nambikuára".

Comentando uma perícópe mítica segundo a qual as mulheres "entraram na casa das flautas-secretas, pegaram as flautas secretas e a guarda-vara e fugiram com elas" (Mito 13), um Paresí avançou a idéia de que estas mulheres estariam, certamente, com os Salumã, a respeito dos quais sabiam agora que não guardavam o tabú das flautas cuja vista é proibida às mulheres. Segundo uma variante do mesmo mito, as mulheres "continuaram andando. Atravessaram o rio Pimenta e chegaram no Enotaykwané, lugar limpo no fim da Terra" (Mito 13).

Entre índios dessa região de Mato Grosso, o nome Salumã se relacionava com povos antropófagos. Já foi visto seu lugar mitológico entre os Paresí. Para os Nambikuára, Salumã é índio antropófago, e os Iránxe, em sua própria língua, chamam Salumã os Rikbáktsa, que haviam pretendido com eles mesmos a antropofagia.

Como se vê, a denominação Salumã, até que não aparece como auto-denominação, é aplicada para designar outro povo, quer aparentado, mas separado, quer diverso e hostil. Ideologizados de modo diverso, os Salumã da literatura etnográfica confundem-se com várias realidades étnicas heterogêneas. Buscar os Salumã a partir do que se podia saber dos Salumã, teria sido entrãr nos caminhos de uma aventura sem rumo, tão confusa como sua própria semântica mitológica e histórica.

*Observação: Salumã é um termo indígena*

Na questão do nome dos povos indígenas tem sido sempre o mais frequente - quase uma regra geral - que a maneira pela qual são designados por seus vizinhos, inclusive do mesmo horizonte cultural e até de línguas afins, não corresponda à auto-denominação. Esta só apare

7

ce após o estabelecimento de relações de confiança entre os interlocutores. Deve-se, entretanto, ter a precaução elementar de não induzir nesses indígenas uma denominação alheia que, provavelmente, será adotada e assimilada e repetida como própria. Foi o que ocorreu com os Paresí, com os Nambikuára e com os Iránxe. O acesso à auto-denominação seria então deferido por muitos anos até que se refizeram as condições de intercompreensão da questão. Não há uma preocupação muito acentuada por se dar um nome "nacional".

No caso dos Salumã não é possível deixar de anotar que é Damião um Waimaré, quem "descobre" a auto-denominação deste povo, no segundo contato. E esta auto-denominação corresponde a uma denominação de um povo procurado como parente pelo Waimaré, desde tempos antigos.

Quais seriam os comentários feitos a respeito de Damião entre o primeiro e o segundo contato, do qual ele traz o nome Salumã. Não seria o caso de dizer que "de Roma vem o que a Roma vai"?

Thomaz de Aquino Lisboa garantiu-me que o nome não foi induzido por ele. Mais. Antes do primeiro contato ~~xxxxx~~ pensava até que se encontrariam com Nambikuára ou talvez Rikbaktsa. Thomaz, antes do segundo contato nem sequer sabia da existência do nome Salumã. (Thomaz, em Diamantino, 22 de maio de 1980, em conversa com Adalberto). Mas este, quatro dias depois, contou-me ter estado no primeiro sobrevôo e já então, com base na leitura da "Missão Rondon" (p. 267) levantava a hipótese de que poderia tratar-se dos Salumã. Lembra ainda que se comentava, com muita animação, entre os índios paresí da aldeia Bacaval, formada, originariamente, por Waimaré, que se havia encontrado os Salumã e não faltavam <sup>interessados</sup> convidados para ir vê-los.

Segundo Adalberto, o nome Salumã se espalhou pelas aldeias paresí. Os índios indo visitar os supostos Salumã, levavam-lhes o nome Salumã?

Vicente Cañas, entretanto, comentando o episódio comigo, no final de abril de 1980, dizia-me que Thomaz mostrou-se, excessivamente apressado em querer descobrir a auto-denominação daqueles índios. É curioso notar como mesmo podendo falar e ser informado ne-



Los atores principais e diretos, é difícil estabelecer com precisão o modo exato como surgiu a suposta auto-denominação Salumã.

### O percurso geográfico

Se, em lugar de se guiar pelo nome Salumã, a investigação concentra seu foco de atenção sobre o lugar geográfico do habitat Salumã, surgem interessantes esclarecimentos.

Existe uma "Breve Noticia do Rio Tapajós cujas cabeceyras ultimo se descobrirão no ano de 1742 por hũs Certanejos ou minr.<sup>ros</sup> do Mato Grosso; dos quais era cabo Leonardo de Olivr.<sup>a</sup> homé bem conhecido e dos mais experimentados nos certões das Minas", recolhida com data de Tapajós, 14 de Ag<sup>o</sup> de 1751, pelo jesuita Manoel Ferreyra. Lê-se no parágrafo 12: "a dez ou doze dias de viagem assima do Rio Tabucurû (Papagaio?) fazem barra juntam.<sup>te</sup> outros dois rios; hum da maõ esquierda hindo o.<sup>a</sup> sime, q. se chama Juruena e outro da direyta chamado Juina...

(§13) Nestes dois rios habitao os Guariterês e no Taburucu em muchiss.<sup>as</sup> Ald.<sup>as</sup> todas a beira rio, e chamase Reyno dos Guariterês pela infinidã de Indios desta Naçao que nelles ha. O Arrayal do Mato Grosso fica distante so como dois dias das Cabeceyras destes dois Rios."

Segundo o mesmo documento, "o Rio Taburucû tem as cabeceyras no R.<sup>uo</sup> dos Membarés". Pela seqüência dos rios neste documento, o Taburucu deve ser identificado com o Papagaio ou Sauêruina dos Paresí.

(§14) Advirtase mais q. nostres Rios...Tabucurû, Juruena e Juina entra grande p.<sup>te</sup> das agoas, evertentes dos Campos Gerais dos Paruizes e a outra p.<sup>te</sup> vay dar ao grande Rio Paraguay".

De acordo com esta geografia demográfica, os Guariterês ocupam as margens do Juina, Juruena y chegariam até o mesmo Papagaio ou Sanguê, em cujas cabeceiras estão os Membarés, que talvez se podem identificar com os chamados Mahibarez, ou Waimaré,<sup>(Ar)</sup> (Schmidt 1943: 2-4)

Quando lí, pela primeira vez, o nome de Guaritere, exatamente na casa de meu colega e amigo Georg Grünberg em Viena (7 de dezembro de 1978), surpreendeu-me uma curiosa associação. Wariteré aparece como nome próprio em numerosos Salumã, que eu tinha conhecido

## UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

naquele mesmo ano.

(Grünberg aproveitou o trecho do manuscrito que se refere aos Apiaká, em G. Grünberg, Beiträge zur Ethnographia der Kayabi Zentralbrasilien, Sonderdruck aus "Archiv für Völkerkunde Bd.24, Wien 1970, p. 36.)

Coincidentemente, uma informação de Rondon fala também dos Uariteré.

"Em Agosto de 1911 cheguei ao conhecimento da existencia de mais 2 ramos da nação Ariti: Cauari e Uariteré, Aquele vivia no baixo Sauê-ruina (nome paresí para o rio Papagaio), muito abaixo do Salto Utarity; este, dizem os Uaimarés que se perdeu para os laços do Rio Pimenta Bueno". (Rondon, Cândido Mariano da Silva. Etnographia. História Natural, Anexo N.5. Rio de Janeiro (1910), p.6, nota 1.)

De novo este texto permite outra associação. Entre os que conhecemos como Salumã há numerosos indivíduos chamados Kawali, segundo nossa atual ortografia; o que também poderia grafarse: *Kawayri*.

Assim dois grupos de Ariti-Paresí se denominavam com nomes que hoje aparecem como nomes próprios de indivíduos entre os Salumã. Por outra parte, não conhecendo com muita exatidão o sistema de imposição de nomes próprios entre os Salumã, fica aberta a hipótese de que tanto Waritere como Kawali contenham uma designação gentílica. Com efeito cada individuo ostenta vários nomes, entre os Salumã como entre os Paresí.

Noutra nota ( ibid. p.6, nota 2) Rondon diz: "o Amure Zôzôiriri não é Kaxiniti como me informaram no primeiro encontro que tive com os Parecis, é, sim, Cauári!" Ora, entre os Salumã conheço um individuo de nome Zozoayri.

Todas estas indicações suscitam hipóteses no sentido de que os Salumã atuais, pela localização geográfica e pelas coincidências nominais, não seriam completamente alheios aos Wariteré e Pawali dos documentos citados. É certo que a localização <sup>geográfica</sup> de ambos grupos está invertida: o baixo Papagaio está ocupado pelos Wariteré na "Breve noticia" de 1742, e pelos Kawali na informação de Rondon.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Rondon, Relatorio, vol.3, p.34.

Rondon, Relatorio, vol. 3:36 "A expedição do Capitão Pinheiro, achou para o desenvolvimento do rio Juruena, a partir da estação telegraphia,  $792^k, 872^m$ , desta forma distribuidos: Até a foz do rio Juhina, que desagua pela margem esquerda,  $32^k, 795^m$ , à do rio Camararé, também à margem esquerda,  $81^k, 435^m$ ; à do rio Papagaio ou Saueru-iná, affluente da margem direita,  $138^k, 242^m$ ; à do Juhina Mirim, da margem esquerda  $207^k, 705^m$ ; à do rio Sangue ou Zutiehár-u-ina, contribuinte da margem direita,  $264^k, 695^m$ ; ao Salto Augusto  $587^k, 986^m$ , e, finalmente, à confluencia do rio Telles Pires, ou S.Manuel,  $792^k, 872^m$ . (*ibid.* p.36)

Cfr. *ibid.* pp.97-143, onde constam numerosas observações e cálculos geográficos devidamente tabelados.

## UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

No final de 1911, uma expedição da "Comissão" de Rondon dirigida pelo capitão Manuel Theophilo da Costa Pinheiro, empreendia a exploração do Juruena, o rio Anauina da ~~xxxx~~ estória Paresí. Com base no relatório do referido capitão e no do botânico da Comissão, F.C.Hoehne, o mesmo Rondon resume deste modo os dados etnográficos sobre os índios que apareceram na desembocadura do Juina.

"Os índios Nhambiquaras que são senhores de todo o rio Juruena e seus afluentes, acima da barra do Arinos, apareceram aos exploradores defronte da fóz do Juhina, pela margem direita do Juruena, onde com o grito: ANAUÊ, chamavam pelos expedicionarios que respondiam "ANERÊ".

Attendidos por estes, deram-lhes grandes quantidades de milho verde, presentes que foi pelo expedicionarios retribuido com machadinhas dadas a cada indio.

Exultaram os Nhambiquaras a essa tamanha prova de amizade, prometendo voltar no dia seguinte com mais presentes e naturalmente com mais companheiros para ganharem as machadinhas.

Infelizmente, porém, os expedicionarios não puderam esperal-os, nunca mais tendo occasião de vê-los e fallar-lhes. Entretanto certos vestigios foram vistos pela margem do rio até à confluencia do Juhina Mirim, já nos portos preparados nos barrancos já nas grandes derrubadas das matas, signaes da existencia de grandes roças.

Na barra do Camararé contam os expedicionarios que foram encontrados além de utensilios de pesca, vestigios e pegadas vivas deixadas pelos indios poucas horas antes de sua passagem.

N'um dos portos ~~en~~ que se transportam os indios de uma para a outra margem, vio-se um pequeno rancho (ikidá) de caçada, onde além dos indicios de instrumentos cortantes de ferro, havia uma panella do mesmo metal, o que mostra serem esses indios frequentadores dos campos novos da Serra do Norte, ou que pelo menos tenham relações commerciaes com aquelles que frequetam aquelle posto".

Rondon, Relatorio 3, p.41-42



Comparando-se, porém, estas notas com os testemunhos originais do capitão Pinheiro e do botânico Hoehne, (ibid. l.75 e p.165-66) percebe-se que Rondon extrapola interpretativamente alguns dados. À palavra "amanhanê" gritada pelos índios, segundo Pinheiro, substitui pelo diálogo ANAUE - ANERÊ, e "umas espigas de milho" se multiplicam em "grandes quantidades de milho verde".

O fato é que destes contatos apressados é difícil deduzir com precisão uma especificidade étnica.

Estarem os homens completamente desnudos e ter balsas formadas <sup>de talos</sup> por um feixe ~~de~~ de buriti, seriam indícios de tratar-se de Nambikuára e não de Salumã, que escondem e retêm o penis mediante o nó de uma folha de palmeira e usam canoas de casca de "jatobe", detalhes que não teriam passados despercebidos aos exploradores.

Mas, teriam os Nambikuára, naquela época, tão numerosas roças e se estendiam tão ao norte como a desembocadura do Juina Lirim?

Teriam os Salumã expulsado os Nambikuára de sua própria área, aproveitando o descenso demográfico deste povo, produzido pela epidemia de 1944, nas proximidades do Juruena?

Kello, Alonse Silveira de Kello, "A Missão do Mangabal do Juruena", Pré-luz de Diamantino, Pesquisas, História nº 18, Porto Alegre 1975 p.48-49.

Nos mapas de Rondon e de Roubette-Pinto, a área que se estende da foz do Juina à do Juina Lirim, na margem esquerda do Juruena é indicada como habitat dos Nambikuára, mas pela leitura de suas observações conclui-se que se trata mais de uma suposição do que de uma constatação. O mais que se pode dizer é que naquela área encontram-se indícios genéricos da existência de índios agricultores.

Por volta de 1950, quando o pessoal do seringueiro Marcos da Luz transportava borracha pelo rio Lutum abaixo notou que o rio estava fchado com cipó e interpretam isso como sinal de que os índios queriam impedir-lhe a passagem,

↳ Informação do P. João Dorstaeder, Diamantino 28 de maio de 1980/

Pelos mesmos anos, no início da década de 1950, como se veio a saber mais tarde por meio dos Rikbátsa (informação de Tapema, atual capitão no Barranco Vermelho, comunicada ao P.J. Dornstauder) contatados em 1957, estes índios quando subiam o Juruena, em busca de taquara para suas flechas, como ainda o fazem hoje, na altura do chamado Caixão de Pedra - uns 30 km abaixo da desembocadura do Camararé - viram seus cestos de castanha-do-pará subtraídos por outros índios, que eles sabiam não serem Rikbátsa. (Informação como acima).

São estes índios do Camararé que "conforme informação do Pe. Thomaz de Aquino Lisboa, foram chamados pelos Paresí de Salumã, no segundo contato amistoso obtido pela ação pacificadora do Pe. Thomaz em 1974?" J. E. Dornstauder, Como pacifiquei os Rikbátsa

Pesquisas, História, n) 17 São Leopoldo 1975, p.11

Entre outras, é possível levantar duas hipóteses.

Os atuais Salumã se identificariam com os Wariteré e desde meados do século XVIII, segundo a "Breve Notícia", estariam ocupando as margens do Juruena, entre o Juina e o Papagaio. Os Nambikuára não teriam ocupado, na realidade, senão a Chapada onde nascem os rios da região.

Ou, os atuais Salumã teriam ocupado a área entre o Camararé e o Juruena, onde se encontra sua aldeia em 1974, quando se deu o primeiro contato, mais recentemente, mas anterior a 1950.

~~Cinta-Larga~~  
~~Orecuro etnohistórico~~ Certo é que os Salumã ocuparam zonas expostas aos chamados Cinta-Larga, que os atacaram, repetidamente, e foram vítimas de sua antropofagia. Um estudo mais pormenorizado destes ataques permitiria precisar em que anos se deram. Os Cinta-Larga, pelo menos um grupo, se encontravam na altura do paralelo 11°30', nas cabeceiras do Juina Mirim, quando foram massacrados em maio de 1961 pela expedição chefiada por Paulistão, encarregado do barracão da firma Arruda Junqueira & Cia., instalado na foz do Juina Mirim.

Segundo informação verbal do P. João E. Dornstauder e consulta a suas anotações, os Cinta-Largas talvez não moras em, habitualmente,

# UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

t o ao Sul, mas até aí se estendia sua perambulação. Diamantino, 29 de maio de 1980.

O Olowiná que cai no Juruena, uns dois ~~mil~~ quilômetros abaixo da foz do Camararé, é um importante lugar de pesca dos Salumã. O que depreendi de suas conversas indica que seu antigo habitat estava nessas imediações e, portanto, não muito longe das cabeceiras do Juina Mirim.

Foram, possivelmente, os atões dos Cinta-larga que afastaram os Salumã para a margem direita do Camararé. De qualquer maneira, uma área de seu habitat tradicional foi sempre, pelo que parece, o Juruena, entre a foz do Camararé e a do Papagaio.

Outro dado soma-se à hipótese de que os Salumã possam ter estado pelas margens do Juruena, inclusive ao norte do paralelo 12º: Os Salumã suspiravam, nestes últimos anos, por conseguir castanha, que conheciam bem, chamando-a Tokwarese ( Tokálise, em Paresi), mas da qual se sentiam privados há tempos. Ora a castanha aparece só ao norte do paralelo 12, a partir da foz do rio Preto

*na margem esquerda do Juruena*